

## trabalho escravo



## Um mal do século 21

**Quando se imaginava que fosse apenas uma chaga do passado, a escravidão rompe o segundo milênio, paradoxalmente se aproveitando de algumas das conseqüências da modernidade**

A escravidão no mundo contemporâneo pouco a pouco entra na ordem do dia. Até recentemente, era considerada nos meios cultos, em todo o mundo, como praticamente desaparecida. Entre nós, as denúncias mobilizaram órgãos governamentais, tanto na fiscalização quanto na repressão. No final de março, por exemplo, um dos principais esforços do governo federal entrou em nova fase. O grupo de trabalho responsável pela elaboração do Plano do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária para Erradicação do Trabalho Escravo recebeu sugestões e propostas de organizações, entidades e movimentos sociais que serão incorporadas ao documento.

O Ministério também faz campanha para fazer aprovar a Proposta de Emenda à Constituição 438, a PEC do Trabalho Escravo, que tramita há 12 anos no Congresso. A medida cria o arcabouço legal definitivo para a expropriação e confisco das terras onde for flagrada a exploração de mão-de-obra escrava. A PEC estava programada para ser votada ainda em abril na Câmara dos Deputados, em segundo turno. Depois, será apreciada pelo Senado.

A Comissão Pastoral da Terra (CPT)

avalia que há no Brasil 25 mil trabalhadores em regime de trabalho escravo (ao alto, funcionário do Ministério do Trabalho orienta trabalhadores-escravos sobre seus direitos legais na Amazônia, em setembro de 2003). Os frequentes casos de denúncias sobre o assunto fizeram o tema, algo timidamente, aparecer na mídia, tratado como uma vergonha que não se devia exhibir. Porém, pouco a pouco, começam a surgir, nos veículos de informação brasileiros, notícias que indicam não ser essa uma vergonha exclusivamente nacional. O jornal *O Globo*, por exemplo, recentemente publicou artigo de página inteira sobre “Os escravos modernos na África”, de autoria de Fernando Duarte, correspondente em Londres.

**O caso do Níger** Duarte relata como a escravidão continua vigente na África, principalmente nos países saarianos, como a Mauritânia, Mali, Chade, Níger e Sudão. Os governos desses países hesitam entre reconhecerem e combaterem o problema, de um lado, e perderem o apoio eleitoral dos chefes tribais que controlam o trabalho forçado, de outro. Um episódio típico acaba de ocorrer no Níger: em meio a grande aparato, um senhor tribal anunciou que libertaria, no início de março, seus 7 mil es-

vos. Mas o presidente do país, Mamadou Tandja, mandou cancelar a cerimônia, com receio de chamar a atenção do mundo inteiro para um problema de que, como o Brasil, o Níger também se envergonha.

Como a mídia brasileira, a ciência social começa timidamente a descobrir a dimensão mundial da escravidão contemporânea. Na verdade, segundo os especialistas – se é que se pode dar esse título a cientistas sociais que mal estão começando a explorar o problema –, há trabalho escravo, hoje em dia, até na Suécia e nos EUA. Um grande levantamento a respeito do assunto foi feito pelo inglês Kevin Bales, professor de Sociologia na Universidade de Surrey Roehampton em Londres, membro da ONG Internacional Antiescravidão (de sigla em inglês ASI) e consultor do Programa Global das Nações Unidas Sobre Tráfico de Seres Humanos. O artigo que publicou a respeito na revista de divulgação científica *Scientific American*, apesar de já completar três anos em abril, ajuda a compreender muitos aspectos desse fenômeno que virou o milênio.

Bales começou a se interessar pela escravidão contemporânea no início dos anos 1990, quando poucas pessoas, particularmente no meio acadêmico do Pri-

meiro Mundo, sabiam que a escravidão continuava a existir. A ignorância sobre o assunto era tal que ele não conseguiu verbas para fazer pesquisas de campo em outros continentes. Assim, financiou ele próprio suas viagens, por exemplo, pela Índia e pelo Brasil, com dinheiro que conseguiu fazendo pesquisas comerciais para empresas.

**No mundo, 27 milhões** O resultado de quase dez anos de pesquisas foi publicado em inglês no livro *Pessoas Descartáveis*, que foi indicado em 2000 para o Prêmio Pulitzer, nos EUA. Entre outras constatações, Bales descobriu que existem escravos hoje em pelo menos 111 países, inclusive nos mais ricos do planeta. O número total de escravos, no mundo inteiro, atingiria, segundo ele, 27 milhões de pessoas, dos quais a maioria na Índia (mínimo de 18 milhões) e Paquistão (mínimo de 2,5 milhões). No entanto, ele mesmo reconhece que esses números são grosseiros, fruto que são de fontes disparatadas para cada país e, além do mais, de fontes consideradas não confiáveis pelos cientistas sociais – nem por ele mesmo – como recortes de jornais. No caso do Brasil, por exemplo, seu levantamento aponta entre 300 mil e 500 mil escravos – ou seja, pelo menos mais de dez vezes o estimado pela CPT.

A imprecisão desses números – mas que assim mesmo dão uma idéia da dimensão do problema – está ligada a uma imprecisão conceitual sobre como definir o que é “escravidão”. Existem numerosas formas de trabalho forçado, mas, por exemplo, às vezes os trabalhos forçados são pagos, se bem que com salários miseráveis, sujeitos ainda a deduções por conta de produtos fornecidos, obrigatoriamente, pelo patrão, sem que o trabalhador tenha outras opções de compra. Bales afirma que o que há de comum entre as várias formas de escravidão é que, “através da história, a escravidão tem significado uma perda da livre e espontânea vontade e da liberdade de escolha, perda apoiada pela violência, às vezes exercida pelo dono de escravos, às vezes por elementos do Estado”.

Tal definição pode ser considerada abrangente demais, pois envolve, além da escravidão clássica, também casos de servidão feudal e de servidão temporária, além do salariedade baseado no

sistema conhecido no Brasil como “barração”, em que do salário são deduzidas as compras obrigatórias no armazém do próprio patrão. Assim, talvez fosse melhor falar em trabalho forçado.

Independente disso, Bales informa que todos os estudiosos contemporâneos concordam em que o fenômeno da escravidão, tal como conceitua, está num crescendo, por causa do desemprego cada vez maior e da exclusão social cada vez mais intensa de grandes massas da população no mundo inteiro. A escravidão de hoje sai muito mais barata para o dono de escravos do que a escravidão colonial, diz Bales. “Em 1850, um escravo agrícola custava US\$ 1.500 no Alabama (cerca de US\$ 30 mil em dólares de hoje). O trabalhador equivalente pode ser obtido por em torno de US\$ 100 hoje”, diz. Exatamente por isso, o escravo colonial, por ser caro, recebia um mínimo de cuidados de alimentação e de saúde, o que não ocorre hoje, porque, se o trabalhador forçado ficar doente ou morrer, será facilmente substituído por outra pessoa em meio a muitas outras que, de tão marginalizadas, nem escravos são.

**“Agora, sei o que fazer”** Essa situação cria um paradoxo: muitos escravos atuais não querem ser libertados. Bales conta a história de um indiano chamado de “meu servo do arado” por seu dono. Numa região do Estado de Uttar Pradesh, Bales encontrou esse escravo, Barlev, em 1997. Como é comum na Índia, ele era obrigado a trabalhar para o senhor em pagamento de uma dívida contraída por um seu ancestral remoto junto a um ancestral remoto do senhor, no que representava uma forte ligação, secular, entre as duas famílias. Dois anos depois, Bales reencontrou Barlev, que havia sido libertado por causa da herança de um parente. Contou Barlev: “Depois que minha mulher recebeu esse dinheiro, pagamos nossa dívida e ficamos livres para fazer o que bem entendêssemos. Mas eu ficava o tempo inteiro preocupado – o que aconteceria se uma das crianças ficasse doente? O que aconteceria se nossa colheita fracassasse? Se o governo quisesse algum dinheiro? Desde que nós não pertencíamos mais ao senhor de terras, não obtínhamos mais comida diariamente. Finalmente, fui ao senhor de terras e lhe pedi para me pegar de

## Uma chaga global

Apesar de quantitativamente desigual, a escravidão parece disseminada pelo mundo. A amostra abaixo faz parte de uma lista com 111 países elaborada por Kevin Bales, que, como se percebe pela faixa de número mínimo e máximo de escravos, é precária, como o próprio autor reconhece

PAÍS	ESTIMATIVA MÍNIMA/MÁXIMA
Brasil	300.000/500.000
Canadá	10.000/20.000
China	250.000/500.000
EUA	100.000/150.000
Haiti	75.000/150.000
Índia	18.000.000/22.000.000
Mauritânia	250.000/300.000
Nepal	250.000/300.000
Paquistão	2.500.000/3.000.000
Suécia	20.000/50.000
Suíça	1.000/1.500

Fonte: *Scientific American*, abril de 2002

volta. Não tive de tomar dinheiro emprestado, mas ele deixou que eu pegasse o arado de novo. Agora não me preocupo tanto; sei o que fazer”.

Afinal, lembra Bales, a relação entre escravo e senhor não é apenas uma relação de trabalho e coerção. Eles também criam entre si relações psicológicas e afetivas. “Mesmo quando não envolve espancamento ou outras torturas físicas, a escravidão faz desenvolver uma degradação psicológica que freqüentemente torna as vítimas incapazes de atuarem no mundo externo”, diz Bales.

Na militância contra a escravidão, lembra ele, é preciso levar em conta, apesar de suas infinitas variações locais e temporais, as características universais do fenômeno: “Os escravos freqüentemente sabem que sua escravidão é ilegal. A força, a violência e a coerção psicológica os convenceram a aceitá-la. Quando os escravos começam a aceitar seu papel e a identificar-se com seu senhor, a punição física constante se torna desnecessária”.

Isso torna importante, na luta para libertar os escravos, a sua preparação prévia, a sua reabilitação para a vida em liberdade. “A liberdade física não é suficiente. Quando os escravos foram emancipados nos EUA em 1865, o go-

verno não concretizou esse tipo de reabilitação. A promessa do general William Tecumseh Sherman de dar a cada antigo escravo ‘quarenta acres e uma mula’ nunca se materializou. O resultado foram quatro milhões de pessoas jogadas a uma economia abalada, sem recursos e com poucas proteções legais. Pode-se argumentar que os EUA ainda estão sofrendo dessa libertação sem reabilitação”, diz o sociólogo.

**Consórcio libertador** Como contraprova às situações de Barlev e dos negros americanos, Bales aponta o caso de Meera, uma jovem também indiana, igualmente em Uttar Pradesh. Quando um assistente social chegou à aldeia de Meera, que não consta do mapa, em 1999, descobriu que toda a população estava em servidão hereditária por dívidas. Seus avós ou bisavós contraíram dívidas em troca da prestação de serviços por eles ao credor, e seus descendentes herdaram a dívida e seu pagamento em trabalho forçado. Meera trabalhava numa pedreira martelando pedras para transformá-las em areia.

O assistente social propôs que grupos de dez mulheres se cotizassem entre si, a partir do mísero dinheiro entregue pelo senhor para que comprassem arroz e pudessem se alimentar; economizando uma rúpia por semana cada uma, elas poderiam formar

um fundo para libertar paulatinamente cada uma delas. Meera e nove outras formaram o primeiro grupo. Depois de três meses, o consórcio tinha dinheiro suficiente para liquidar a dívida de Meera e libertá-la. Como trabalhadora livre, ela começou a ganhar mais dinheiro pelo seu trabalho, o que lhe permitiu fazer uma contribuição maior para ajudar a libertar a mulher seguinte, e assim por diante.

Em mais três meses, mais duas mulheres pagaram as dívidas e se libertaram. Diante disso, as demais se proclamaram também livres, embora ainda endividadas. Os patrões credores as expulsaram das pedreiras, mas elas encontraram emprego em outras pedreiras. Bales chamou a atenção para que essa libertação deu certo, ao contrário da de Barlev, porque Meera e suas companheiras se prepararam previamente, do ponto-de-vista psicológico e existencial, para a nova situação de liberdade.

“O tráfico de seres humanos (...) se tornou uma grande preocupação, especialmente na Europa e no Sudeste da Ásia”, diz o pesquisador. Mais adiante, afirma que “em certas áreas, notadamente no Brasil e na África Ocidental, agricultores têm sido atraídos para assinarem contratos e então são levados para plantações remotas e impedidos de saírem. Em partes do Sul da Ásia (Índia e Paquistão) e no Norte da África,

a escravidão é uma tradição milenar que na verdade nunca acabou”. Nos países ricos, a escravidão é imposta a imigrantes ilegais, sendo difícil combatê-la, entre outras coisas, porque os próprios escravos julgam que estão melhor assim do que estavam no país de origem.

Bales explica ainda que um dos fatores da nova intensificação da escravidão é o rápido aumento da população mundial, que triplicou desde a 2ª Guerra. Outro é a radical transformação econômica no mundo em desenvolvimento, que levou ao rompimento das

redes de parentesco e comunitárias e ao êxodo rural, com centenas de milhões de pessoas morando em favelas nas periferias das cidades. Mas o fator principal é a violência, facilitada de um lado pela ausência do Estado em vastas regiões do mundo e, de outro, pela dependência eleitoral dos governantes em relação aos senhores de terras.

Mas não se trata de apenas violência, ressalta Bales. “A psicologia do escravo é espelhada pelo senhor de escravos. A escravidão não é uma simples questão de uma pessoa controlar outra pela força; é uma dependência mútua insidiosa, notavelmente difícil de romper tanto pelo senhor de escravos como pelo escravo. Considerar o senhor de escravos como o mal em estado puro pode nos consolar, mas manter essa definição se torna difícil quando se tem contato direto com senhores de escravos concretos”.

**“Pilares da comunidade”** Diz ainda o pesquisador que quase todos os senhores de escravos que encontrou e entrevistou no Paquistão, Índia, Brasil e Maurîtânia, eram “chefes de família que se consideravam a si mesmos apenas como empresários”. “Pilares da comunidade local, eram financeiramente bem recompensados, bem integrados socialmente e com bons contatos com as autoridades legais e políticas. Sua manutenção de escravos não era vista como um problema social, exceto, possivelmente, por algumas ‘pessoas de fora’, que, segundo os senhores julgavam, não entendiam os costumes locais de negócios e de trabalho. (...) Senhores de escravos também me contaram que seus escravos são como seus filhos, que precisam de controle rigoroso e de cuidados”, escreveu Bales na *Scientific American*.

A conclusão geral de Bales é que os cientistas sociais mal estão começando a abarcar as dimensões dos problemas da escravidão contemporânea. Além disso, avalia, é preciso ter condições plenas para as campanhas de sua abolição, sob pena de a libertação dos escravos repetir as tragédias da libertação dos negros e índios nas Américas, que, bem mais de um século depois, ainda tem seqüelas que são verdadeiras chagas na sociedade, com o racismo e a desigualdade. [Renato Pompeu]

*A emancipação incompleta dos ex-escravos nos EUA produziu o racismo e a desigualdade (abaixo), linchamento de homens negros em 1930, imagem que inspirou Lewis Allan a escrever o poema da canção Strange Fruit – ver p. 36)*

